

# AUFHEBUNG, META-CATEGORIA DA LÓGICA HEGELIANA, PARA UMA PLAUSÍVEL APREENSÃO LÓGICA DA REALIDADE <sup>1</sup>

---

*José Pinheiro Pertille*

*Aufhebung* é uma meta-categoria, ou determinação fundamental, na lógica hegeliana, pois ela está presente no processo de constituição de todas as categorias da *Ciência da Lógica*, assim como permite ampliar o discurso lógico em direção ao real. Nesse sentido, ela é uma das condições que efetiva o novo modo de desenvolvimento científico preconizado pela filosofia hegeliana, segundo o qual supera-se a oposição entre conteúdo e forma. Essa caracterização pode ser fundamentada e explicitada a partir da Observação da *Ciência da Lógica* sobre a expressão *aufheben*. Ao se tratar dessa “Observação”, também se delimita o papel que desempenha esses textos incidentais enquanto “reflexões exteriores”, no sentido da lógica da essência.

Neste contexto, o presente texto visa mostrar em que sentido se deve considerar a *Aufhebung* como uma meta-categoria, ou determinação fundamental (*Grundbestimmung*), da lógica hegeliana. Isto é, que a *Aufhebung* se constitui como uma categoria estruturalmente diferente das categorias que são apresentadas nas diferentes instâncias do discurso lógico, tais como o *vir-a-ser*, a *efetividade* ou a *idéia*, pois a *Aufhebung*

---

<sup>1</sup> A base desse texto foi publicada na *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, ano 8, número 15, dezembro 2011, recebendo aqui diversas modificações.

está presente em cada um desses momentos assim como perpassa e caracteriza todo o movimento lógico, ampliando-o em direção ao real.

Para tanto, o texto de referência será a Observação (*Anmerkung*) da *Ciência da Lógica* sobre esse conceito. Essa Observação aparece na passagem do primeiro para o segundo capítulo da primeira seção do livro primeiro da *Ciência da Lógica*, ou seja, é a Observação de Hegel acerca do primeiro grande movimento propriamente lógico da obra, aquele que ao reunir o ser e o nada em seu vir-a-ser conduz ao ser-aí.<sup>2</sup> Tratar dessa Observação conduzirá igualmente a uma consideração sobre o estatuto das partes *incidentais* nos textos hegelianos.

A importância da Observação da *Ciência da Lógica* sobre o conceito *Aufheben*, por um lado, reside na tematização direta que faz Hegel aqui sobre um dos conceitos mais importantes de sua filosofia, cuja tradução ainda hoje ocupa os especialistas, movidos pelo intuito de melhor se referir tecnicamente a essa noção que expressa exemplarmente o movimento dialético e especulativo hegeliano: “suspender”, “suprassumir” ou “superar”? “sursumer”, “supprimer” ou “abroger”?<sup>3</sup> Acima de tudo,

---

<sup>2</sup> Hegel, *Wissenschaft der Logik I, Hegel Werke Suhrkamp Bd. 5* (1983): “Anmerkung. Der Ausdruck: *Aufheben*”, p. 113-5. Tradução em espanhol de A. e R. Mondolfo (1956), p. 138-9, tradução em francês de P.-J. Labarrière e G. Jarczyk (1972), p. 81-2; tradução em inglês de G. di Giovanni (2010), p. 81-2; tradução em português de M. A. Werle (2011), p. 98-9.

<sup>3</sup> P. Meneses, “suprassumir”; M. L. Müller, “suspender”; M. A. Werle, “superar”; J. Hyppolite, “supprimer”; P.-J. Labarrière & G. Jarczyk, “sursumer”; J.-P. Lefebvre, “abolir”; B. Bourgeois, “supprimer”; J.-F. Kervégan, “abroger”; A. & R. Mondolfo, “eliminar”; W. Roces, “superar”; A. V. Miller e G. di Giovanni “to sublata”. Neste texto e na tradução da Observação da *Ciência da Lógica* feita a seguir tomaremos *Aufhebung* por “suprassunção”, *aufheben* por “suprassumir” e *das Aufgehobene* por “o suprassumido”.

essa Observação é valiosa para a compreensão dos conceitos Suprassunção, suprassumir e suprassumido, e nesse sentido é uma lástima a não referência a essa Observação da *Ciência da Lógica* no verbete “Suprassunção” do *Dicionário Hegel* de Michael Inwood (p. 103).

Por outro lado, tratar dessa Observação também oportuniza lançar uma reflexão sobre aqueles apontamentos que desempenham um papel peculiar ao longo do desenvolvimento do discurso propriamente especulativo, esses comentários incidentais que aparecem tanto nas “partes preliminares” das obras de Hegel na forma de Prefácios e Introduções, quanto nas “Observações” dispostas ao longo da *Ciência da Lógica*, da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* e da *Filosofia do Direito*, como ainda, poderíamos acrescentar, nas passagens situadas ao nível do “para nós” da *Fenomenologia do Espírito*.

À primeira vista pode parecer que esses conjuntos de apontamentos se constituem apenas de meras considerações exteriores aos temas cientificamente tratados, e por isso sem importância intrínseca para a ciência filosófica. Eles seriam então considerados como comentários paralelos ao discurso principal, partes acessórias sem valor maior para o núcleo teórico do todo. Mas, é preciso reconhecer que a questão não é tão simples assim.

Começemos por esse segundo aspecto. De maneira geral, são bem conhecidas as diatribes hegelianas contra os Prefácios e Introduções em obras de Filosofia. O argumento é o de que essas partes preliminares não substituem o começo com a coisa mesma, pois elas são exteriores ao discurso propriamente científico, ou seja, o que objetivamente vale é “demonstrar”, e não apenas “mostrar” os argumentos. Isso é certo, mas, no entanto, Hegel sempre elabora Prefácios e Introduções em suas obras, onde justamente estão presentes essas e outras considerações, o que indica que, apesar dos pesares, essas partes preliminares não são sem significado.

Nessa direção, para não ficar apenas ao nível desse argumento *ad hominem* a favor dos momentos externos à reflexão filosófica propriamente dita, podemos afirmar que nas partes preliminares dos prefácios e introduções, assim como nas observações e adendos dos textos, apresentam-se reflexões exteriores que são, no entanto, também constitutivas do discurso filosófico hegeliano. Não se trata assim de escanteá-las para a ordem dos fatos, em uma posição independente da ordem das razões. O que está em jogo é o movimento que faz a reunião entre entendimento e razão, o qual permite tanto ao entendimento passar a raciocinar, quanto fazer a razão se exprimir na linguagem da representação. Como Hegel afirma no Prefácio da primeira edição da *Ciência da Lógica*:

Assim como o entendimento pode ser considerado separado da razão, a razão dialética pode ser considerada separada da razão positiva. Porém, em sua verdade, a razão é espírito, o qual está por cima de ambos, como razão que entende ou como entendimento que raciocina (*verständige Vernunft oder vernünftiger Verstand*).<sup>4</sup>

Com base na *Ciência da Lógica*, essa interpretação proposta pode ser apoiada no conceito de “reflexão exterior” presente na lógica da essência, colocada entre a reflexão ponente e a reflexão determinada. A exterioridade designa uma reflexão estruturando um objeto já dado, pressuposto, que ela fixa como exterior a ela mesma. Como observa Hegel, a reflexão exterior corresponde ao juízo reflexionante da *Crítica do Juízo* de Kant, a via da indução, que

---

<sup>4</sup> Wie der Verstand als etwas Getrenntes von der Vernunft überhaupt, so pflegt auch die dialektische Vernunft als etwas Getrenntes von der positiven Vernunft genommen zu werden. Aber in ihrer Wahrheit ist die Vernunft Geist, der höher als beides, verständige Vernunft oder vernünftiger Verstand ist. WL I, HW 5, p. 17.

se desenvolve do particular em direção à universalidade da lei e do princípio, e que assim toma como sua origem um dado que lhe é exterior a fim de lhe ultrapassar em sua particularidade e elevá-lo à universalidade, um procedimento que fornece o padrão para todas as filosofias da subjetividade. No entanto, o universal em direção ao qual o juízo reflexionante tenta fazer o imediato progredir constitui a própria essência desse imediato. Ou seja, a reflexão não fica puramente exterior àquela imediatidade pressuposta, mas se revela essencialmente como estruturante desse imediato (WL II, HW 6, p. 30-1).

Nesse sentido, como alerta a *Introdução à leitura da Ciência da Lógica* de J. Biard e outros, a exterioridade comporta um significado não necessariamente pejorativo, mas um momento estruturalmente necessário do processo lógico; não se trata de um “além” rejeitado como inessencial, mas do índice de uma negatividade em ação desde as primeiras categorias lógicas, indispensável para a implosão de sua abstração (volume 1, página 33, nota 2). Concluindo esse primeiro ponto, para uma boa compreensão do sistema hegeliano é fundamental não ficar só nas partes preliminares, nas abordagens externas, sem penetrar no discurso científico. Mas, também não é o caso de desprezá-las, pois ali aparecem informações essenciais acerca dos enquadramentos do discurso filosófico hegeliano. Elas são as margens entre as quais flui o discurso filosófico hegeliano. Além disso, é também nesta posição de exterioridade que se coloca a “realidade imediata” (tanto natural quanto espiritual) antes de receber a mediação do pensamento em busca de sua razão de ser, alçando-a assim à condição de uma “realidade efetiva”. Nessa direção, a efetividade suprassume o imediato em um processo de determinações, com isso transformando ou conservando os sentidos que se apresentam tanto no discurso quanto na própria realidade.

Com base nessas considerações, no que diz respeito à mencionada Observação da *Ciência da Lógica* sobre o

conceito *Aufhebung*, ela é particularmente importante por permitir levantar diversas questões acerca do discurso especulativo formado pela lógica hegeliana, em especial com relação ao processo de passagem entre as categorias lógicas. Vejamos mais de perto um aspecto de seu primeiro parágrafo. O tema é acerca do estatuto da suprassunção, se ela pode ser reconhecida não como uma categoria lógica assim como o ser, o nada e o vir-a-ser, e as demais categorias lógicas que as sucedem até a idéia absoluta, mas mais propriamente como uma *meta-categoria* da lógica hegeliana, isto é, como uma determinação que opera sobre as determinações, e que assim se situa ao nível dos fundamentos do sistema, em outras palavras, *Aufhebung* não como uma simples *Bestimmung*, mas como uma *Grundbestimmung*.

A Observação sobre o *aufheben* começa afirmando:

*Suprassumir* e o *suprassumido* (o *ideal*) constituem um dos conceitos mais importantes da filosofia, uma determinação fundamental, que é repetido facilmente por todos os lados, mas cujo sentido tem que ser tomado de uma maneira determinada, particularmente em sua diferenciação do nada. O que se suprassume não vem a ser com isso um nada. Nada é o *imediato*. Um suprassumido, ao contrário, é um *mediado*, ele é o não sendo, porém como *resultado*, saído de um ser. Ele tem com isso a *determinidade*, da qual ele procede, já em si. (WL I, HW 5, p. 113).

Os Prefácios, a Introdução e a reflexão sobre: *Qual tem que ser o começo da Ciência* deixam bem claro que uma das demandas centrais da filosofia hegeliana é por um novo conceito de procedimento científico, no qual se proceda a uma auto-exposição do *conteúdo* em sua *forma* imanente. Como afirma Hegel no Prefácio da primeira edição da *Ciência da Lógica*: “somente a natureza do conteúdo pode ser o que se move no conhecimento científico, posto que é ao mesmo

tempo a *própria reflexão* do conteúdo o que põe e produz *sua própria determinação*”.<sup>5</sup> Ora, para expor essa necessária articulação dinâmica e progressiva entre um conteúdo e *sua* forma, entre uma exposição e *sua* matéria, ao contrário de proceder-se através de uma aplicação exterior de formas universais do pensamento, as quais seriam assim tomadas mais propriamente como fôrmas do pensamento, é preciso apresentar um meio através do qual aquele movimento intrínseco fosse possível. Em outras palavras, ao invés de categorias formais ou transcendentais logicamente independentes dos conteúdos, ainda que sejam condições de possibilidade para seu conhecimento, a estruturação do discurso especulativo interdita tais separações, em busca de um encadeamento interno entre seus diversos elementos em níveis progressivos de determinação e concretude. Nesse sentido, a expressão *aufheben* se apresentaria para Hegel como apta para designar essa operação, através dos diferentes significados que possui na língua alemã, suficientes para abarcar em um conceito o *modo* de desenvolvimento próprio do progredir imanente do pensamento. Nessa direção, enquanto “termo técnico” do hegelianês, ele é compreendido a partir de seus sentidos na linguagem natural, e elaborado através de um tratamento filosófico específico.

De fato, na língua alemã, o verbo *aufheben* possui os sentidos de “levantar” (levantar algo ou levantar-se, apanhar algo do chão, levantar a mão, *Heben die Hände auf, wenn sie zu diesem Vortrag zu verstehen!* fazer a criança se levantar do chão; e também no sentido figurado de levantar o cerco, levantar-se da mesa), “suprimir” (abolir, revogar uma lei, anular um contrato, desbloquear; *das eine hebt das andere nicht auf*, uma

---

<sup>5</sup> Sondern es kann nur *die Natur des Inhalts* sein, welche sich im wissenschaftlichen Erkennen *bewegt*, indem zugleich diese *eigene Reflexion* des Inhalts es ist, *welche seine Bestimmung* selbst erst setzt und *erzeugt*. WL I, HW 5, p. 16.

coisa não anula a outra; *sich (gegenseitig) aufheben*, anular-se reciprocamente) e “guardar” (conservar, colocar de lado, sinônimo de *aufbewahren*): *sie hebt alles auf*, ela guarda tudo; *sich (dat) etw bis zum Schluß aufheben*, guardar alguma coisa para o fim; e também no sentido figurativo em *gut, schlecht aufgehoben sein*, estar ou não estar em boas mãos; *bei ihr ist er gut aufgehoben*, com ela, ele está em boas mãos; *dein Geheimnis ist gut (sicher) bei mir aufgehoben*, comigo teu segredo está bem guardado. Deste modo, Hegel reconhece a potencialidade especulativa deste termo, e o estabelece como um conceito fundamental: o que é suprassumido nega o que lhe antecede, conservando-o de um ponto de vista mais elevado.

O lugar para chamar a atenção desse processo é estratégico. A Observação sobre o *aufheben* se localiza na passagem entre os dois primeiros capítulos da primeira seção dessa obra, ou seja, na passagem do primeiro capítulo intitulado “ser” (*Sein*) ao segundo capítulo “ser-aí” (*Dasein*). Aqui se apresenta a primeira transição especulativa do texto, presente na dialética do “ser” (*Sein*) e do “nada” (*Nichts*), doravante suprimidos, conservados e elevados no conceito de “vir-a-ser” (*Werden*). O ser e o nada estão suprassumidos no vir-a-ser: o que é deixa de ser, o que não é vem a ser, e um (como algo) se vincula ao outro (como *seu* outro). Porém, na medida em que o vir-a-ser conserva o ser e o nada, ainda que os suprima enquanto indiferentes um frente ao outro (em uma diversidade recíproca), o vir-a-ser se eleva a uma unidade própria e não meramente relacional frente ao ser e frente ao nada. Esta unidade suprassumida (*aufgehobene*) passa a ser chamada de “ser-aí”, como o vir-a-ser que tem o ser e o nada como seus momentos agora determinados. Ser e nada deixam de ser “ser” e “nada” e passam a constituir uma mesma unidade, desaparecendo como determinações diversas. No vir-a-ser eles eram nascer e perecer, o ser-aí é o nascer e o perecer por si próprio, prescindindo de um significado abstrato de um e de outro, contando com eles como sendo os seus momentos concretos na suprassunção



(*Aufhebung*) de sua unidade. *Exit Werden, zweites Kapitel: das Dasein*.

O estabelecimento e a compreensão deste momento fundante do processo lógico é a condição para o progredir desta e das próximas determinidades presentes ao longo do texto. Assim, por exemplo, nesse segundo capítulo do “ser-aí”, suas determinações de “finitude” e “infinitude” serão suprimidas, conservadas e elevadas no “ser-para-si” (*Fürsichsein*, terceiro capítulo), assim perfazendo a categoria da determinidade ou qualidade (título geral da primeira seção, que engloba esses três capítulos).<sup>6</sup>

Enquanto esta Observação sobre a expressão *aufheben* marca o esclarecimento posto por Hegel na transição inaugural do primeiro para o segundo capítulo, por sua vez, na transição do segundo para o terceiro capítulo, as Observações serão postas sob a rubrica “a transição” (*der Übergang*). Este contraponto entre as duas séries de Observações nas passagens dos capítulos iniciais da *Ciência da lógica* conduz então àquela interpretação de Dieter Henrich quanto às estruturas *lógicas* (específicas para um momento da obra) e *meta-lógicas* (gerais para todo e qualquer desenvolvimento lógico) dos modos de um progredir conceitual necessário para o desenvolvimento imanente do conteúdo. Segundo Henrich:

É preciso diferenciar a *ciência* da lógica do processo das determinações lógicas do pensar. Esse processo se faz como desenvolvimento específico. Sua ciência, entretanto, é um modo de efetividade do espírito, que muitas vezes se desenvolve com explicações digressivas e com a visão do todo. Nós

---

<sup>6</sup> “Podemos reparar que é nessa passagem que aparece pela primeira vez no discurso especulativo (no sentido estrito) o tema capital da *Aufheben*”. J. Biard et alii, *Introduction à la lecture de la Science de la Logique de Hegel*, vol. 1, l'Être, p. 59.

precisamos de uma doutrina metódica para essas explicações, que podemos caracterizar como ‘meta-lógica’. “Anfang und Methode der Logik”, in *Hegel im Context*, p. 93.

Em outras palavras, essas seriam as dimensões da lógica e do lógico, *die Logik und das Logische*, expressando a lógica os modos de pensar e ser, e o lógico esses modos do ponto de vista totalizador do espírito.

Nesse sentido, *aufheben* seria um conceito que aparece nesse primeiro grande movimento da *Ciência da lógica*, mas que se apresenta na estrutura de desenvolvimento de todo o processo lógico, natural e espiritual. Isso também acontece com o conceito de “transição” ou “passagem” (*der Übergang*), que aponta para “o progredir infinito” (*der unendliche Progress*) que conduz em direção à natureza, ao espírito e ao tempo; e para a idéia mesma de “idealismo” (*der Idealismus*), perfectibilizado no “idealismo alemão” como o progredir filosófico presente nas transições entre as filosofias de Kant, Fichte, Schelling e Hegel, entendido como um processo de sucessivas suprassunções entre sistemas filosóficos.

Conclusão. Parece haver boas razões para se considerar a suprassunção como uma categoria de outro nível daquele do vir-a-ser, da efetividade ou da idéia, isto é, como uma meta-categoria, uma categoria que apreende propriedades que dizem respeito ao encadeamento de todas as categorias lógicas. Nesse sentido, poder-se-ia definir o vir-a-ser como a suprassunção do ser e do nada, a efetividade a unidade que veio a ser imediata a partir da suprassunção entre a essência e a existência, a idéia como a unidade verdadeira que suspende o conceito e a objetividade, e assim por diante.

É nessa direção que poderíamos indicar também, além da suprassunção, outras meta-categorias lógicas da filosofia hegeliana, outras *Grundbestimmungen*: o entendimento, a razão negativa ou dialética, e a razão

positiva ou especulativa, nos termos do “Conceito mais preciso da Lógica” da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*: “a lógica tem, segundo a forma, três lados: a) o lado abstrato ou do entendimento; b) o dialético ou negativamente-racional; c) o especulativo ou positivamente-racional.”<sup>7</sup> Essas seriam as três determinações-fundamentais do pensamento sobre ele mesmo e sobre a realidade da natureza e do espírito: o entendimento que diferencia e fixa as determinidades, a dialética que ultrapassa de modo imanente a unilateralidade das determinidades do entendimento, e o especulativo que apreende a unidade das determinações em sua oposição, a unidade da *Aufhebung*.

Por outro lado, no caso de aceitação dessa leitura, o principal cuidado a se tomar é não considerar as meta-categorias lógicas, ou determinações fundamentais, em um sentido transcendental ou formal, essencialmente separadas de seus conteúdos. Ou seja, é mister não perder de vista sua necessária instituição ao nível do discurso em movimento que caracteriza o sentido propriamente especulativo dessas meta-categorias lógicas.

## **Bibliografia.**

BIARD, J. BUVAT, D. KERVÉGAN, J.F. KLING, J.-F. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, A. SLUBICKI, M. *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel*, volume 1. Paris: Aubier, 1981.

---

<sup>7</sup> Das *Logische* hat der Form nach drei Seiten:  $\alpha$ ) die abstrakte oder verständige,  $\beta$ ) die dialektische oder negativ-vernünftige,  $\gamma$ ) die spekulative oder positiv-vernünftige. Diese drei Seiten machen nicht drei *Teile* der Logik aus, sondern sind *Momente jedes Logisch-Reellen*, das ist jedes Begriffes oder jedes Wahren überhaupt. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* § 79. EpW I, HW 8, p. 168.

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik I. Erster Teil. Die objektive Logik. Erstes Buch*. Werke in zwanzig Bänden, B. 5. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983.

\_\_\_\_\_. *Wissenschaft der Logik II. Erster Teil. Die objektive Logik. Zweites Buch. Die subjektive Logik*. Werke in zwanzig Bänden, B.6. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983.

\_\_\_\_\_. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830). Erster Teil. Die Wissenschaft der Logik*. Werke in zwanzig Bänden, B. 8, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983.

\_\_\_\_\_. *Ciencia de la Lógica*. Trad. Augusta Mondolfo e Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires: Ed. Solar S.A, 1968.

\_\_\_\_\_. *The Science of Logic*. Translated and edited by George di Giovanni. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. *Science de la logique. L'Être, 1812*. Traduction Pierre-Jean Labarrière e Gwendoline Jarczyk. Paris: Aubier-Montaigne, 1987.

\_\_\_\_\_. *Ciência da Lógica, Excertos*. Tradução e seleção de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarola, 2011.

HENRICH, Dieter. *Hegel im context*. Frankfurt: Suhrkamp, 1971.

INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

Adendo 1. G. W. F. Hegel, *Wissenschaft der Logik*. Erster Teil, die objektive Logik. Erstes Buch, die Lehre vom Sein. Erster Abschnitt, Bestimmtheit (Qualität). Erstes Kapitel, Sein. C. Werden. Anmerkung. Der Ausdruck: *Aufheben*.

*Aufheben* und das *Aufgehobene* (das *Ideelle*) ist einer der wichtigsten Begriffe der Philosophie, eine Grundbestimmung, die schlechthin allenthalben wiederkehrt, deren Sinn bestimmt aufzufassen und besonders vom Nichts zu unterscheiden ist. - Was sich aufhebt, wird dadurch nicht zu Nichts. Nichts ist das *Unmittelbare*; ein Aufgehobenes dagegen ist ein *Vermitteltes*, es ist das Nichtseiende, aber als *Resultat*, das von einem Sein ausgegangen ist; es hat daher die *Bestimmtheit, aus der es herkommt, noch an sich*.

*Aufheben* hat in der Sprache den gedoppelten Sinn, daß es soviel als aufbewahren, *erhalten* bedeutet und zugleich soviel als aufhören lassen, *ein Ende machen*. Das Aufbewahren selbst schließt schon das Negative in sich, daß etwas seiner Unmittelbarkeit und damit einem den äußerlichen Einwirkungen offenen Dasein entnommen wird, um es zu erhalten. - So ist das Aufgehobene ein zugleich Aufbewahrtes, das nur seine Unmittelbarkeit verloren hat, aber darum nicht vernichtet ist. - Die angegebenen zwei Bestimmungen des *Aufhebens* können lexikalisch als zwei *Bedeutungen* dieses Wortes aufgeführt werden. Auffallend müßte es aber dabei sein, daß eine Sprache dazu gekommen ist, ein und dasselbe Wort für zwei entgegengesetzte Bestimmungen zu gebrauchen. Für das spekulative Denken ist es erfreulich, in der Sprache Wörter zu finden, welche eine spekulative Bedeutung an ihnen selbst haben; die deutsche Sprache hat mehrere dergleichen. Der Doppelsinn des lateinischen *tollere* (der durch den Ciceronianischen Witz "tollendum esse Octavium" berühmt geworden) geht nicht so weit, die affirmative Bestimmung geht nur bis zum Emporheben. Etwas ist nur insofern aufgehoben, als es in

die Einheit mit seinem Entgegengesetzten getreten ist; in dieser näheren Bestimmung als ein Reflektiertes kann es passend *Moment* genannt werden. *Gewicht* und *Entfernung* von einem Punkt heißen beim Hebel dessen mechanische *Momente*, um der *Dieselbigkeit* ihrer Wirkung willen bei aller sonstigen Verschiedenheit eines Reellen, wie das ein Gewicht ist, und eines Ideellen, der bloßen räumlichen Bestimmung, der Linie; s. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften*, 3. Ausgabe [1830], § 261 Anm. - Noch öfter wird die Bemerkung sich aufdrängen, daß die philosophische Kunstsprache für reflektierte Bestimmungen lateinische Ausdrücke gebraucht, entweder weil die Muttersprache keine Ausdrücke dafür hat oder, wenn sie deren hat wie hier, weil ihr Ausdruck mehr an das Unmittelbare, die fremde Sprache aber mehr an das Reflektierte erinnert.

Der nähere Sinn und Ausdruck, den Sein und Nichts, indem sie nunmehr *Momente* sind, erhalten, hat sich bei der Betrachtung des Daseins als der Einheit, in der sie aufbewahrt sind, zu ergeben. Sein ist Sein und Nichts ist Nichts nur in ihrer Unterschiedenheit voneinander; in ihrer Wahrheit aber, in ihrer Einheit sind sie als diese Bestimmungen verschwunden und sind nun etwas anderes. Sein und Nichts sind dasselbe; *darum weil sie dasselbe sind, sind sie nicht mehr Sein und Nichts* und haben eine verschiedene Bestimmung; im Werden waren sie Entstehen und Vergehen; im Dasein als einer anders bestimmten Einheit sind sie wieder anders bestimmte Momente. Diese Einheit bleibt nun ihre Grundlage, aus der sie nicht mehr zur abstrakten Bedeutung von Sein und Nichts heraustreten.

Adendo 2. G. W. F. Hegel, *Ciência da Lógica*. Primeiro tomo, a lógica objetiva. Primeiro livro, a doutrina do ser. Primeira seção, determinidade (qualidade). Primeiro capítulo, ser. C. Vir-a-ser. Observação. A expressão: *Suprassumir*.

*Suprassumir* e o *suprassumido* (o *ideal*) constituem um dos conceitos mais importantes da filosofia, uma

determinação fundamental, que é repetido facilmente por todos os lados, mas cujo sentido tem que ser tomado de maneira determinada, particularmente em sua diferenciação do nada. O que se suprassume não vem a ser com isso um nada. Nada é o *imediato*. Um suprassumido, ao contrário, é um *mediado*, ele é o não-sendo, porém como *resultado*, saído de um ser; ele já contém assim *em si a determinidade da qual ele procede*.

*Suprassumir* possui na língua alemã o duplo sentido de significar tanto conservar, *manter*, quanto ao mesmo tempo de fazer cessar, *dar um fim*. O conservar ele mesmo já contém em si o negativo, como quando algo sai de sua imediatidade, e com isso do ser-aí em aberto de influências exteriores, para manter-se. Deste modo, é o suprassumido ao mesmo tempo um conservado, que apenas perdeu a sua imediatidade, mas que com isso não se nadificou. As duas determinações mencionadas do *suprassumir* podem ser lexicalmente enumeradas como dois *significados* dessa palavra. Porém, é surpreendente que uma língua tenha chegado ao ponto de usar uma só e mesma palavra para duas determinações opostas. Para o pensamento especulativo é um prazer encontrar nesta língua palavras que têm em si mesmas um significado especulativo, e a língua alemã possui muitas destas palavras. O duplo sentido do latim *tollere* (tornado famoso pelo chiste de Cícero: *tollendum esse Octavium*) não vai assim tão longe, pois a determinação afirmativa só chega até o erguer. Algo é assim suprassumido somente quando colocado na unidade de seus opostos, nesta determinação mais exata de algo refletido, que pode ser chamado mais precisamente de *momento*. O *peso* e a *distância* de um ponto em uma alavanca são chamados de seus *momentos* mecânicos por causa da *identidade* do seu efeito, não obstante todas as demais diferenças entre algo real, como é um peso, e algo ideal, a pura determinação espacial, isto é, a linha (ver *Enciclopédia das ciências filosóficas*, 3ª. edição, § 261 Observação). Mais frequente é o caso, o qual merece um

comentário, da utilização pela linguagem técnica da filosofia de expressões latinas para as determinações de reflexão, seja porque a língua materna não possui nenhuma expressão para elas, seja porque, ainda que as tenha, como ocorre neste caso, a sua expressão recorda mais o imediato, e a língua estrangeira, ao contrário, mais o refletido.

O sentido e a expressão mais exatos que recebem o ser e o nada, agora que eles são *momentos*, resulta na consideração do ser-aí como sendo a unidade na qual eles estão conservados. Ser é ser e nada é nada somente em sua diversidade recíproca. Porém em sua verdade, em sua unidade, eles desapareceram enquanto tais determinações e passam a ser algo de outro. Ser e nada são o mesmo, *e porque eles são o mesmo não são mais ser e nada*, passando a ter uma determinação diferente. No vir-a-ser eles eram nascer e perecer, no ser-aí, como uma outra unidade determinada, eles são novamente outros momentos determinados. Esta unidade torna-se, neste momento, a sua base, da qual não mais sairá nenhum significado abstrato do ser e do nada.